

ANTÓNIO CERDEIRA DE ABREU *

DE COMO O 25 DE ABRIL FEZ AVANÇAR
A PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM BARCOUÇO

Há quem diga que o 25 de Abril não foi uma revolução. Eu entendo que sim, que foi uma revolução, pelas transformações (embora não fossem muitas, algumas foram) que fez. Foi uma revolução maravilhosa porque nos trouxe a liberdade, a paz e a esperança no futuro, sem erupção de sangue.

Falou-se muito aqui da reforma agrária. Conheço mal o Alentejo mas já estive em algumas cooperativas muito bem organizadas. Acho que estão a fazer agricultura a sério e foi uma pena que, pelo menos essas que estão a trabalhar a sério, não tenham sido preservadas, porque num tempo em que toda a gente foge da agricultura, em que os campos estão abandonados — e por isso temos de comprar produtos agrícolas ao estrangeiro — é lamentável que os trabalhadores da terra que as ocuparam não tivessem sido apoiados devidamente, incentivados a continuarem a amanho essas terras. Eu considero que, embora houvesse ocupações selvagens, como se dizia, houve desocupações mais selvagens ainda, porque os trabalhadores que estavam a trabalhar a sua terra — e muitas vezes para fugir ao desemprego — é evidente que deviam ter sido mais incentivados, deviam-lhes ter dado ainda mais terras e não tirar-lhas.

Há quem diga que os problemas da agricultura em Portugal reflectem muito o desinteresse por esta actividade. Eu concordo e considero que o desincentivo para amanho a terra é delito contra a economia nacional. Disso estou eu certo porque amanho a terra desde tamanhinho. Aos dez anos já eu andava à frente dos bois com o meu pai, pois eu não podia com a enxada e,

* Agricultor, dirigente da Cooperativa Agro-Pecuária de Barcouço.

quantas vezes, eu levei várias zupadas e andei às cambalhotas pela terra fora. De então para cá a minha vida tem sido tratar da terra.

Nós aqui no centro do país temos terras muito pequenas e isso não é rentável. As terras amanhadas em leirinhas, quantas e quantas vezes nem um tractor lá cabe dentro.

Numa terra aqui bem próximo, a cerca de doze quilómetros desta cidade, em Barcouço, aconteceu que nós agricultores, vendo esses problemas e ouvindo o estado dizer que era possível formar cooperativas, que até ajudava e incentivava, nós reunimo-nos e procuramos saber o que é uma cooperativa.

Mesmo em começos de 1975 os empreiteiros das resinas disseram que não podiam pagar o mesmo preço que tinham pago no ano anterior. Evidentemente isto desencadeou um protesto dos agricultores que disseram: «Não, isso não pode ser! Então isto volta para trás, não?!». Houve uma reunião de agricultores, chamaram-se alguns desses empreiteiros, negociantes de resina e dissemos-lhe: «Já resolvemos. Nós não queremos só dez escudos. Nós queremos quinze escudos. No entanto aceitamos propostas. Vamos ver se chegamos a acordo. Mas essas propostas têm que ser para cima de dez escudos, bolas!». Nós não podíamos voltar para trás. Se os preços todos sobem o nosso não podia descer.

Evidentemente que os senhores empreiteiros da resina não nos deram cavaco, como se costuma dizer. Ficaram-se. Não recebemos propostas e nesse ano na nossa freguesia não houve resinas. O que é que resolvemos em reuniões posteriores? Vamos nós para as resinas! Dirigimo-nos aos Serviços Florestais e eles mandaram um técnico dar um curso de resinagem. Vários agricultores se inscreveram nesse curso e aprenderam as normas técnicas. No ano seguinte formamos a nossa cooperativa e fomos fazer resinagem e vender a resina directamente aos industriais.

Isso deu motivo a que nós pensássemos noutro problema que tínhamos ainda por mais latente: o da união das terras. «Nós podemos também. Já que organizamos a nossa cooperativa, temos que procurar enquadrar nessa cooperativa as nossas terras». Eram cerca de trinta agricultores que se juntaram. Fizemos o inventário de todas as terras e procuramos formar lotes maiores para as tornar mais rentáveis. E onde foi possível organizar os lotes, entregamos esses lotes, em arrendamento, à cooperativa, compramos um tractor e tratamos de fazer uma cultura intensiva, já de certo modo mecanizada. Depois, passamos também a ver que a cultura dos cereais, a cultura das batatas, a cultura de certos legumes que não eram assim muito rentáveis.

Esboçava-se naquela altura um incremento grande no sector do leite: compra de gado leiteiro, formação de ordenhas. Já nesse tempo se tinha organizado a Lacticoop e ela já estava a incentivar as ordenhas na zona. E nós, sim senhor, vamos também manter os estábulos, comprar vacas, criar ordenhas e lançar essa produção. Aí é que chegamos tarde. Deu-se a transição, que acabamos aqui de falar. Fizemos vários planos de produção — recordo-me que mandamos um plano em 76, mandamos outro plano em 77 ou 78 para Lisboa com a intenção de obter um empréstimo, a longo prazo, com juros bonificados — e afinal tudo caiu em saco roto. Houve alguém que inviabilizou sempre. Viemos a saber donde partia isso, pois que houve técnicos que chegaram ao ponto de dizer: «Ah, as vossas terras não têm viabilidade para vacas leiteiras, vocês têm que comprar é bezerros!» Caímos no logro, chegamos a mandar vir bezerros da Irlanda. Foi um fiasco tremendo. E depois quando nos desfizemos do logro em que tínhamos caído apercebemo-nos mais depressa quando o mesmo técnico nos disse: «Ah, vocês compreem uma ou duas vacas leiteiras e não as ponham no estábulo, que isso do estábulo não dá resultado». E ficamos a pensar: então mas se elas dão resultado em nossa casa e no estábulo não dão resultado? Nós estamos a ser logrados! E foi dessa altura em diante, mesmo sem ajudas do governo — embora tivéssemos ajudas de entidades particulares e colaboração de pessoas muito amigas — afinal tivemos que avançar sozinhos! Auto-financiamo-nos e vai de comprar mais vacas e vai de montar estábulos e hoje a cooperativa é uma realidade! É uma realidade, como poderão ver, embora pequenina, porque nós não podíamos sair fora do nosso âmbito.

Depois que as contribuições se organizaram, os agricultores que se uniram, uniram-se mesmo. Depois, nós queríamos lançar que viessem mais agricultores, mas devido às contribuições, uns por medo do «papão», como se costuma dizer, outros por qualquer coisa, não aderiram e nós continuamos sozinhos. Temos vários hectares de terra, divididos em vários lotes, alguns deles têm boa dimensão, outros são pequenos — o que é pena, porque se nós conseguíssemos lotes todos bem estruturados nós tínhamos avançado mais.

E agora há dois aspectos que podemos considerar positivos: o primeiro é que nós também criamos um posto de vendas — venda e compra dos artigos dos agricultores e venda daquilo que todos necessitam. Conseguimos chamar a atenção da população e conseguimos arranjar sócios de apoio. Recebem-se os tractores, abastecem-se, compram e vendem no posto de vendas e conseguimos aglutinar a maior parte da população

de Barcouço. Aí está um dos aspectos positivos. Quem for a Barcouço, mesmo aos estabelecimentos particulares e vir os preços dos produtos, vê que na sua maioria — pode haver este ou aquele que não atinja isso, — mas na sua maioria se compra tudo relativamente mais barato. E porquê? Porque há uma cooperativa, têm um posto de vendas e os próprios comerciantes particulares têm que aceitar a concorrência dela. É que não podem fugir e, portanto, se querem vender, têm que se limitar também aos preços dela. Esse é um aspecto altamente positivo. O comércio praticamente só não está estabilizado devido à inflação, que é terrível. Mas dentro da inflação, em Barcouço, o comércio estabilizou.

O outro aspecto, é que se há algumas terras em poiso em Barcouço — nós sabemos que nesta zona toda Barcouço ainda é aquela que tem as terras mais bem aproveitadas, sem dúvida que é! — se não fosse a cooperativa muitas mais haveria porque parte desses lotes os lavradores sozinhos não tinham possibilidade de os amanhá-los, por serem tão pequeninos. E agora alguns deles estão a ser amanhados, alguns deles estão a ser cultivados, estão a ser rentáveis. Essa é a parte positiva, é um exemplo.

A Cooperativa de Barcouço, actualmente, é como uma luz pequenina, uma luz pequenina mas muito viva. E gostamos de mostrar a toda a gente como é que se pode avançar na produção agrícola sem ferir susceptibilidades deste, daquele ou daquela. Porque a Cooperativa é uma cooperativa de homens livres. Podemos considerar que toda a gente pode ir para a cooperativa ou pode sair da cooperativa. Nunca se perguntou a ninguém se podia ou não podia ir. As pessoas entram e saem da cooperativa conforme querem. É um associativismo livre, espontâneo, a pessoa vai se quer, se não quer não vai. Portanto a *Cobar*, a Cooperativa Agro-Pecuária de Barcouço, é uma luzinha muito viva que está a alumiar. São palavras minhas, que eu disse perante a Rádio Televisão Portuguesa em 1976.

A reforma agrária é mais necessária no centro e no norte do que propriamente no sul, porque no sul há dimensão para se fazer agricultura e no centro e no norte essa dimensão não existe. E não é com leirinhas dispersas que nós conseguimos fazer agricultura a sério; só podemos fazer uma agricultura caseira, uma agricultura de sobrevivência. É o que se está a fazer. Ora, pode haver sistemas de emparcelamento de terras. Até há pessoas que preconizam o emparcelamento da seguinte maneira: criação de grandes sociedades agrícolas de tipo industrial, os lavradores, pequenos agricultores, vendem as suas terras a essas empresas e depois vão trabalhar por conta delas. Isso,

eu entendo que numa sociedade moderna, democrática e civilizada não tem cabimento, porque seria um regresso ao feudalismo. Portanto, nós enveredámos espontaneamente por um caminho que consideramos o mais democrático que pode ser: juntam-se as terras, continuam a ser dos próprios agricultores, eles recebem uma renda dessas terras. Se não podem trabalhar, limitam-se à renda; se podem trabalhar, vão trabalhar para a cooperativa e recebem o seu salário. As terras nunca se lhes tiram, não há o medo do «papão». Lá em Barcouço ninguém tem medo do «papão».

E é isto a Cooperativa de Barcouço. Podemos dizer: é uma luzinha no horizonte, pequenina, mas muito viva e que está a mostrar a toda a gente que a queira ver, como se pode modificar a agricultura neste país, que bem necessita.

Fala-se muito em desafios, e eu digo, desafios como? Com a agricultura que temos? Com a agricultura que temos não podemos aceitar desafios, seja de quem for. Portanto nós temos que a reestruturar. Fala-se em reforma agrária, reestruturação fundiária, chame-se-lhe o que se quiser. Não é só no sul que é precisa a reforma agrária. No centro e no norte também é precisa: unir as terras, fazer lotes maiores, dar-lhe nova estruturação, de forma a que se tornem viáveis as culturas, porque doutra forma não podemos avançar.

No aspecto agrícola Portugal não pode aceitar desafios seja de quem quer que for, se não conseguir modificar o sistema.

Eu entendo — nunca tive medo de falar, mesmo nos tempos mais negros do fascismo, sempre falei desassombradamente e não é agora que vou ter medo de falar — portanto, eu digo: precisamos de um governo corajoso e forte, que consiga incentivar o homem a ficar na terra, dar-lhe boas garantias de trabalho e colocar a terra em condições de ela poder produzir. E só assim nós podemos aceitar desafios.